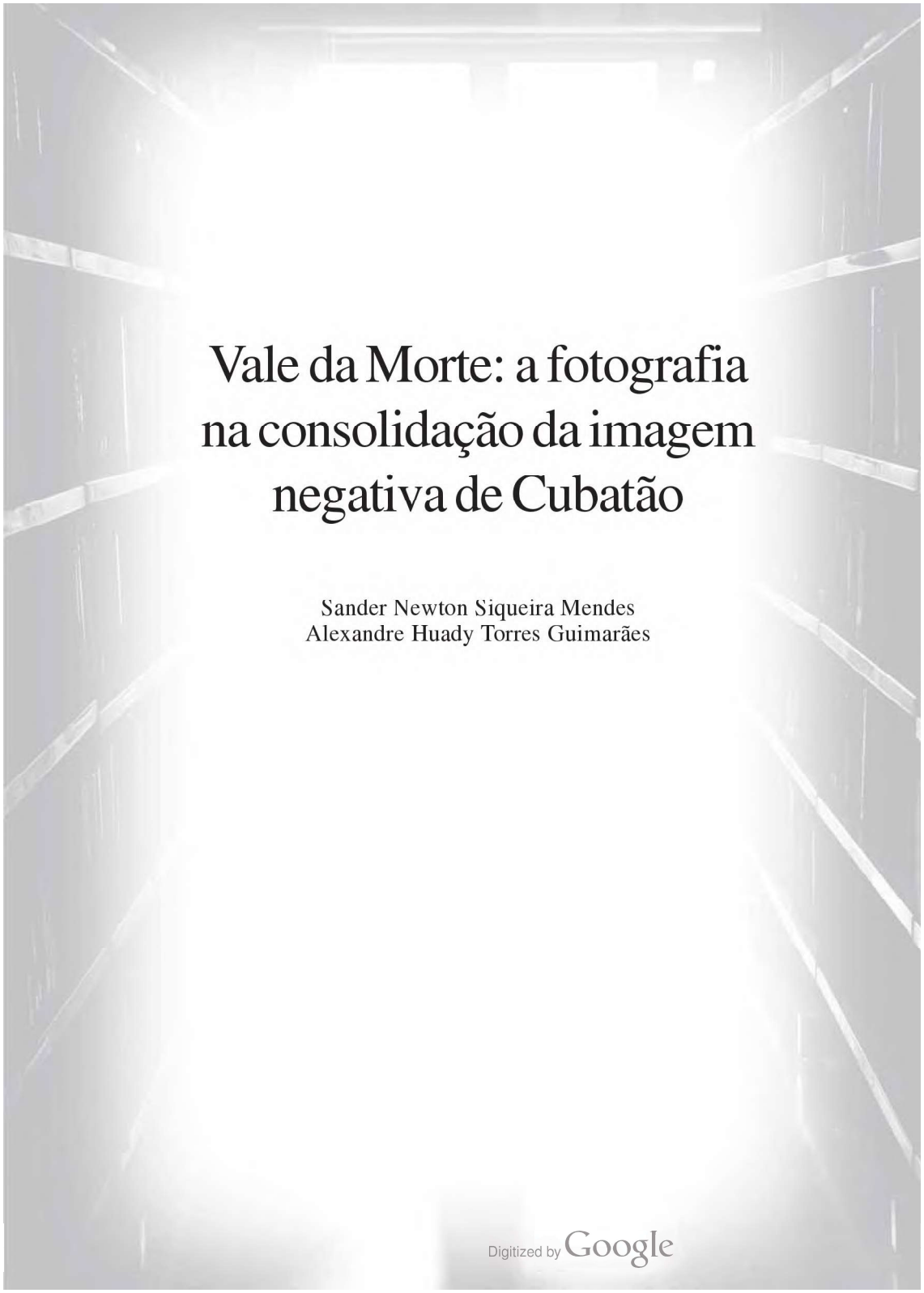


Vale da Morte: a fotografia na consolidação da imagem negativa de Cubatão

Sander Newton Siqueira Mendes
Alexandre Huady Torres Guimarães

Digitized by Google

Vale da Morte: a fotografia na consolidação da imagem negativa de Cubatão

Sander Newton Siqueira Mendes *
Alexandre Huady Torres Guimarães **

Resumo: Este artigo aborda os impactos da poluição na construção da imagem negativa do município de Cubatão (SP) durante o processo de industrialização iniciado na década de 1950. Para discutir o assunto, rememora-se a história da cidade, da sua evolução de pacato vilarejo rural à condição de cidade urbana industrial, elucidam-se as transformações ambientais vividas em razão do progresso mal planejado e busca-se analisar os fatores imagéticos que atribuem à cidade, apesar de ambiental e socialmente recuperada, o estigma de Vale da Morte.

Palavras-chave: Cubatão. Fotografia. Transformações ambientais. Vale da Morte.

* Especialista em Fotografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: sandernewton@gmail.com
** Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), na qual é docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu* e diretor do Centro de Comunicação e Letras. E-mail: huady@mackenzie.br

Digitized by Google

Introdução

A cidade de Cubatão, situada ao pé da Serra do Mar, a 57 quilômetros da capital paulista, foi considerada, em sua origem, uma cidade de transição, de passagem, até a instalação das grandes indústrias, como afirma o ecólogo Samuel Murgel Branco (1984, p. 97):

> A cidade se acha situada imediatamente ao sopé das escarpas do planalto sobre o qual se desenvolveu, inicialmente, uma intensa atividade agrícola com importantes produtos de exportação [...]. Ela está à cabeceira de um grande estuário navegável, atravessando extensa planície pantanosa, que desemboca em um dos maiores e mais seguros portos marítimos do continente. Essa circunstância faz de Cubatão, inicialmente, uma zona de passagem e armazenamento e, finalmente, área conveniente para a fixação de grandes indústrias que dependem do transporte marítimo-fluvial quer para importação de matérias-primas e combustíveis quer para a exportação de seus produtos.

Sua principal atividade econômica, desenvolvida entre o final do século XIX e o início do século XX, era a agricultura, principalmente a bananicultura, devido ao propício clima quente e úmido, próprio para esse tipo de plantação e, também, pela questão geográfica que facilitava a locomoção, já que estava situada próximo à ferrovia São Paulo Railway, que ligava a cidade tanto ao porto de Santos quanto ao Planalto Paulista.

Até o início dos anos 1940, quando as exportações sofreram um declínio em função da eclosão da Segunda Guerra Mundial, a cultura da banana era a principal fonte de renda do povoado cubatense. Entretanto, não foi apenas a queda das exportações que provocou a extinção dessa cultura, mas, também, o advento de novas oportunidades de trabalho no comércio e na indústria, que começavam a expandir-se.

O estabelecimento de indústrias de porte intermediário na região de Cubatão remete ao início do século XX, entre os anos de 1912 e 1918, quando se instalaram na cidade, quase simultaneamente, uma indústria de tanino e adubos, um curtume e uma fábrica de papel, que ti-

Digitized by Google

nham por característica comum utilizar matéria-prima da região, sem exceder os limites de compatibilidade com o meio ambiente, respeitando a capacidade regenerativa de suas fontes primárias.

Em 1945, surgiu no país um movimento relacionado a ações que prezavam pela valorização das jazidas brasileiras, dos meios de produção pautados pelas adversidades de importação oriundas da guerra e o sentimento nacionalista que surgiu no pós-guerra. Em1949, o governo federal decidiu pela construção de uma grande refinaria na área da siderurgia, escolhendo São Paulo como estado sede, que optou pela instalação dessa na Baixada Santista, justamente pela facilidade do transporte marítimo, rodoviário e ferroviário, pela proximidade do maior centro consumidor do país, a cidade de São Paulo, pela disponibilidade de energia e, naturalmente, por motivos políticos. Dessa forma, a instalação da refinaria em Cubatão foi decisiva para a vocação industrial da cidade.

A propósito, a geógrafa Lea Goldenstein (1972, p. 53) afirma que:

> Foi, portanto, em virtude de uma decisão de nível político, com base em razões de ordem estratégica, porém, como tudo leva a crer, atendendo ao empenho manifestado por grupos econômicos de São Paulo, que se deu a implantação desse colossal conjunto industrial na raiz da Serra. Resta saber se, em não havendo esta ordem de fatores, a área em apreço teria evoluído no sentido de um processo de industrialização.

A presença de um porto de mar conveniente para importação e exportação e a energia elétrica abundante e barata – um bem natural local – foram algumas das razões que tornaram Cubatão um dos mais importantes complexos industriais da América Latina. Vinte anos após a instalação da refinaria, já havia um cortejo de indústrias químicas à volta da cidade, além, é claro, daquela que seria considerada uma das maiores usinas siderúrgicas do país, a Companhia Siderúrgica Paulista (Cosipa), que foi construída, em grande parte, sobre o mangue.

O progresso veio à medida que a instalação do complexo industrial concretizou-se. No entanto, esse processo se deu sem planejamento referente aos impactos que seriam provocados sobre o ambiente e a popu-

Digitized by Google

lação. Restou, com a conclusão das obras, um saldo de operários retirantes desempregados, de problemas habitacionais, alimentares e ambientais ligados à poluição.

Na década de 1980, esses problemas vieram à tona e tornaram-se de conhecimento nacional e internacional. Em razão deles, a cidade ficou rotulada como a mais poluída do mundo e passou a ser conhecida como o "Vale da Morte", epíteto cunhado pelo jornalista Randau Marques, que, em matérias publicadas no *Jornal da Tarde*, de São Paulo, usou a expressão para denunciar os efeitos nocivos da poluição sobre a comunidade residente em Cubatão, caracterizando a cidade como um lugar doente e com graves problemas sociais.

Com a repercussão da mídia, ações de iniciativa municipal, estadual e das indústrias entraram em vigor para tentar recuperar a imagem negativa construída com os anos de degradação. Ainda na década de 1980, a Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (Cetesb) iniciou um programa de recuperação ambiental que visava regulamentar a emissão de poluentes, em campanha por um "Vale da Vida".

O presente artigo busca compreender as razões pelas quais, apesar de recuperada ambientalmente, a imagem negativa construída com o processo de industrialização faz com que Cubatão continue a ser lembrada, ainda hoje, como a cidade poluída, dos anencéfalos, deformados, oriundos do Vale da Morte. Para tanto, além da contextualização histórica, temporal e regional, recorremos a fotografias jornalísticas, que têm Cubatão como tema, e a estudiosos da fotografia e do jornalismo, para suporte e compreensão do processo de construção e "perpetuação" da imagem negativa da cidade.

Cubatão: um desastre anunciado

Historicamente, a vocação de Cubatão sempre foi comercial. Na cidade praticavam-se as trocas, não a produção, e foi talvez por desrespeitar essa origem, que a cidade teve sua fama proclamada internacionalmente não por motivos relacionados à geração de emprego e riquezas,

Digitized by Google

mas à poluição. Branco (1984, p. 98) sustenta essa hipótese ao afirmar que:

> O determinismo histórico – e não a iniciativa humana – parece ter sido a causa de grandes transformações [...]. Será que se pode falar em um imperativo histórico a determinar o destino de Cubatão como distrito industrial? Não nos parece que seja assim. Antes nos parece que decisões de gabinete, ou conveniências de ordem político-administrativa, mudaram o curso da história de Cubatão.

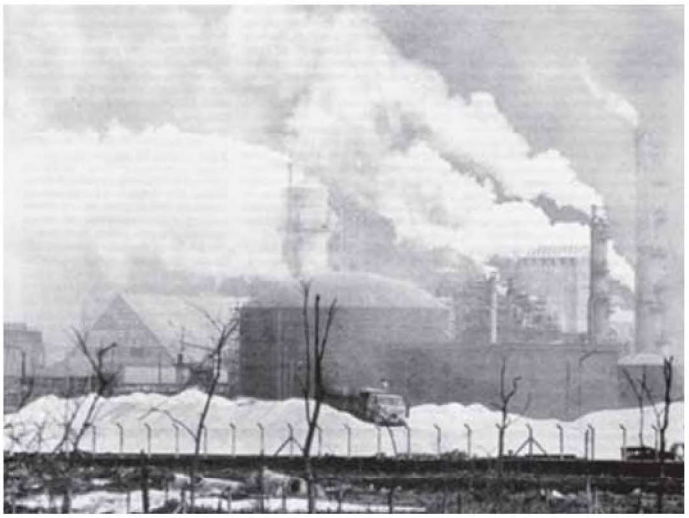
Em sua tese de doutorado, Joaquim Miguel Couto (2003, p. 167) ratifica: "Não podemos nunca esquecer, contudo, que a industrialização brasileira foi tratada pelo Estado como de 'interesse nacional', acima de tudo e de todos, não respeitando o direito individual de ninguém". O ambiente físico no qual as indústrias instalaram-se comprova a falta de planejamento, visto que Cubatão está fechada em uma espécie de caixa, cujas paredes são formadas a norte, leste e oeste pela Serra do Mar, sendo o sul o único lado parcialmente aberto. Segundo Costa (1987, p. 86), "a pouca circulação [do ar] é ainda agravada pelo fato de que essa caixa possui uma 'tampa' climática: em todo o inverno ocorre o fenômeno da inversão térmica, o que resulta na total ausência de circulação", fortalecendo, dessa forma, a ideia de que, dadas as suas características físicas e climáticas, se trata de uma região ideal para o mangue.

Assim sendo, fica explícito que a não adoção de uma matriz de proteção ambiental resultou naquele que ficou conhecido como um dos maiores desastres ecológicos dos quais já se teve notícia no planeta. Isto posto, com a evidente desatenção dos órgãos competentes, Cubatão chegou ao seu limite e passou a ostentar, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o título de cidade mais poluída do mundo.

Foi somente com a divulgação dos primeiros casos de nascimentos de crianças anencéfalas e sua possível correlação com a poluição, com o sensacionalismo midiático e a opinião pública que se rebelava contra a poluição, que medidas de saneamento foram tomadas para tentar combater a imagem que se construía da cidade, do governo e das indústrias poluentes.

Digitized by Google

Figura 1 – Cubatão, 1980: dezenas de indústrias modernas e a maior poluição do mundo



Fotografia: Autor desconhecido
Fonte: O Vale... (2003)

No livro *Realidades e ficções na trama fotográfica*, o pesquisador Boris Kossoy (1999) afirma que, antes de mais nada, a fotografia é uma representação a partir do real que, no entanto, sofre a interferência do fotógrafo, seja através do contexto em que ela será inserida, seja pela dramaticidade ou valor estético atribuído aos cenários, em vista da intencionalidade do momento em que o obturador é operado.

> Desde seu surgimento e ao longo de sua trajetória, até os nossos dias, a fotografia tem sido aceita e utilizada como prova definitiva, 'testemunha da verdade' do fato ou dos fatos. Graças a sua natureza fisicoquímica – e hoje eletrônica – de registrar aspectos (selecionados) do real, tal como estes de fato se parecem, a fotografia ganhou elevado *status* de credibilidade. Se, por um lado, ela tem valor incontestável por proporcionar continuamente a todos, em todo o mundo, fragmentos visuais que informam das múltiplas atividades do homem e de sua ação sobre os outros homens e sobre a Natureza, por outro, ela sempre se prestou e sempre se prestará aos mais diferentes e interesseiros usos dirigidos (KOSSOY, 1999, p. 19).

Digitized by Google

Presume-se, assim, que mesmo que a fotografia seja, na maior parte dos casos, aceita como verdade, como prova dos fatos, como um documento histórico, ela pode também ser utilizada com fins não tão confiáveis, de maneiras questionáveis. A partir do momento em que o contexto pode ser transformado, esta esfera de realidade fotográfica se esvai. Tomar, contudo, essa afirmação como norma, indica apenas uma postura radical e distante de uma postura científica. Há de se considerar cada um dos fotogramas, seus contextos e suas utilizações de forma ampla e multidisciplinar.

> O mundo tornou-se de certa forma 'familiar' após o advento da fotografia; o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica. Com o advento da fotografia e, mais tarde, com o desenvolvimento da indústria gráfica, que possibilitou a multiplicação da imagem fotográfica em quantidades cada vez maiores através da via impressa, iniciou-se um novo processo de conhecimento do mundo, porém de um mundo em detalhe, posto que fragmentário em termos visuais e, portanto, contextuais. Era o início de um novo método de aprendizagem do real, em função da acessibilidade do homem dos diferentes estratos sociais à informação visual direta dos hábitos e fatos dos povos distantes. Microaspectos do mundo passaram a ser cada vez mais conhecidos através de sua cópia ou representação. O mundo, a partir da alvorada do século XX, se viu, aos poucos, substituído por sua imagem fotográfica. O mundo tornou-se, assim, portátil e ilustrado (KOSSOY, 1989, p. 15).

Diante dessa problemática, Kossoy (1999, p. 22) propõe que a fotografia seja tratada como os demais documentos, contextualizando-a em seus desdobramentos sociais, políticos, econômicos, religiosos, artísticos, culturais que envolvem o tempo e o espaço do registro. Coerente com sua fala, que visa uma fotografia distante da mera ilustração, o pesquisador trata a imagem fotográfica a partir da premissa de que a mesma tem duas realidades: "a primeira realidade e a segunda realidade".

Digitized by Google

Ao falar de manipulações fotográficas, entende-se que, quando estas se dão por parte do fotógrafo, no instante de apertar o obturador, devem ser tomadas como possibilidades de escrita, como instrumentário da grafia objetivada pelo escritor da luz. O destaque de um primeiro plano, a mancha contínua de um movimento, a escolha de um determinado enquadramento, fazem parte de um conjunto de ações e decisões deste profissional ao intencionar gravar uma cena, uma parte do real. Portanto:

> A participação do fotógrafo existe e se efetiva sobretudo pelo olho enunciador, que faz a seleção dos elementos que entrarão na composição do quadro [...]. A emissão de imagens está marcada por um trabalho adicional do fotógrafo que seleciona entre um léxico de uma cadeia de significantes (semântica), combinando-os para produzir mensagens (sintaxe). As operações discursivas de investimento de sentido(s) na(s) matéria(s) significante(s) visual(is) se diferenciam entre si pelas diversas formas de representação de um mesmo objeto, que se articulam em unidades expressivas segundo as leis de um discurso subjacente (PEREGRINO, 1991, p. 84-86).

Em primeira instância, esse trabalho se propõe a analisar fotografias tomadas em Cubatão. Em um primeiro momento, será analisada uma fotografia da década de 1980 (Figura 1), quando a cidade tinha a fama de uma das mais poluídas do mundo, e sua repercussão na mídia internacional (Figura 2). Em um segundo momento, será analisada uma fotografia dos anos 2000, quando ela já estava ambientalmente recuperada (Figura 3).

Por meio da análise imagética, percebe-se no primeiro plano da fotografia (Figura 1) alguns troncos secos de árvores e, ao fundo, algumas indústrias com suas chaminés emitindo fumaça, fatores que evidenciam o sentido trágico dos efeitos da poluição e o seu impacto sobre o meio ambiente.

Ao veicular esse padrão de imagem jornalística para retratar Cubatão, a mídia teceu a ponte entre a cidade e a sujeira, a cidade e o

Digitized by Google

extremo da poluição, a cidade e sua população miserável, a cidade e a alta incidência de doenças respiratórias, malformação de organismos, de crianças sem cérebro, ainda que, em pesquisa realizada em 1981, pelo médico Monteleone Neto, tenha surgido a indicação de que era difícil correlacionar os problemas de anomalias aos índices de poluição, podendo estas serem provenientes da pobreza e da desnutrição.

O assunto foi explorado massivamente pelos jornais, revistas e televisão, até atingir patamares internacionais, com matérias em revistas jornalísticas conceituadas, como a *Newsweek* (Estados Unidos, 1983), *Time Magazin* (Inglaterra, 1983), *Der Spiegel* (Alemanha, 1984), entre outras.

Figura 2 – Manchete do jornal *The New York Times*, 1980.

Fotografia: Autor desconhecido
Fonte: Couto (2005)

Em relatos de moradores mais antigos, eles enumeram discriminações sofridas quando diziam morar em Cubatão, em razão da repercussão que as imagens causavam à época. Muitos preferiam omitir ser moradores da cidade e, quando questionados sobre onde residiam, respondiam Baixada Santista. O problema é que, mesmo como a situação

Digitized by Google

controlada, a baixo autoestima e a falta de identidade do cubatense perduram até hoje, fato comprovado por pesquisa realizada em colégios da cidade, em 2014, com adolescentes na faixa etária entre 12 e 16 anos. Muitos têm restrições em afirmar que moram na cidade, decorrência da imagem negativa de Cubatão que perdura aos dias atuais.

Hoje, percebe-se que tais afirmações são fruto de uma generalização não sustentada pelo conhecimento científico, haja vista que a região de Cubatão possuía diferentes termos de poluição atmosférica, sendo os bairros situados em áreas industriais, como Vila Parisi e Jardim São Marcos, os mais prejudicados, a ponto de que, aos domingos, segundo relata Couto (2003, p. 172), "não fazia sol em Vila Parisi, pois as indústrias aproveitavam o final de semana para lançarem seu material particulado pelas chaminés, tornando o ar sufocante e de aspecto cinzento".

Todavia, essa repercussão midiática fez com que fossem tomadas medidas de controle do fluxo de poluentes aéreos, da qualidade das águas e da poluição por resíduos sólidos e, em um programa criado pela Cetesb, iniciou-se o processo de identificação de problemas e um planejamento que devolveu qualidade de vida a Cubatão.

Exploração midiática sensacionalista

Se, por um lado, a mídia contribuiu para a recuperação ambiental, datada oficialmente em 1992, quando Cubatão recebeu da Organização das Nações Unidas (ONU) o título de Cidade Símbolo da Ecologia e Exemplo Mundial de Recuperação Ambiental, por outro, a mesma mídia estigmatizou uma imagem que a cidade jamais conseguiu reverter, pois, apesar de empresas terem investido na produção de livros que mostram uma cidade saudável, estes livros estão longe de alcançar a repercussão que a poluição atingiu; eles sequer conseguem sair da esfera estritamente regional.

Independente da real poluição que existia e comprometia a qualidade de vida de seus habitantes, Cubatão foi vítima do chamado "sensacionalismo" na imprensa. Danilo Angrimani, em seu livro *Espreme que sai*

Digitized by Google

sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa, trilha caminhos para entender as circunstâncias em que ocorre o sensacionalismo, desde sua forjada "necessidade", atendida por um determinado gênero jornalístico, aos mecanismos que levam o leitor ao processo de atração e compra do sensacional. Segundo o autor:

> Não importa qual seja o contexto, sempre que se quer acusar um veículo de comunicação, ou um jornalista, usa-se de forma abrangente – e nem sempre exata – a adjetivação 'sensacionalista'. Por ser totalitário, o termo leva à imprecisão (ANGRIMANI, 1995, p. 13).

O autor analisa o termo a partir das palavras de Frank Luther Mott, em *A history of newspapers in the United States through 250 years*; Rosa Nívea Pedroso, em *A produção do discurso de informação em um jornal sensacionalista*; e Ciro Marcondes Filho, em *O capital da notícia*. Ao tecer a relação entre o que dizem esses três autores, e valendo-se um pouco de cada um deles, Angrimani (1995, p. 16) formula a sua definição:

> Sensacionalismo é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento. Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. Sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato. Em casos mais específicos, inexiste a relação com qualquer fato e a 'notícia' é elaborada como um mero exercício ficcional. O termo 'sensacionalista' é pejorativo e convoca a uma visão negativa do meio que o tenha adotado. Um noticiário sensacionalista tem credibilidade discutível. A inadequação entre manchete e texto – ou ainda, manchete e foto; texto e foto; manchete, texto e foto – é outra característica da publicação sensacionalista, o que pode reforçar a posição de descrédito do leitor perante o veículo.

Seguindo esse prisma, o jornalista e professor Eugênio Bucci, em artigo publicado na revista *Imagens*, define notícia: "É bom lembrar que, a despeito de qualquer outra definição, notícia é aquilo que atrai a atenção

Digitized by Google

do público. Uma informação pode ser crucial: se ninguém ligar para ela, não será notícia" (BUCCI, 1994, p. 68). Sob esse arrimo, Fernão Pessoa Ramos, também em artigo da revista *Imagens*, alerta para o perigo do uso intensivo de imagens pela imprensa.

> É também nesse campo que devemos situar a discussão da utilização da imagem intensa/traumática pela mídia contemporânea. Pois essa intensidade vem constituir um espaço de fruição do espectador que deve ser tematizado em seu aspecto ético. Falamos de fruição 'sádica' da indeterminação (exponenciada em trauma) dessa imagem, qual Bonitzer[1], lembrando-se de Bazin, menciona como 'complexo de Nero': 'Não basta mais ver caçar o leão, é necessário que ele coma os caçadores'. Digamos que há toda uma parcela da mídia nacional e internacional que se dedica a explorar o gosto pelo estampar da intensidade com tonalidades macabras, constelada nas formas da imagem-câmera como sensacionalismo (RAMOS, 1994, p. 22).

Na realidade, em maior ou menor intensidade, o sensacionalismo é intrínseco ao trabalho e à apresentação de alguns veículos de comunicação. O fato de um veículo usar do sensacionalismo praticamente "autoriza" os outros a também o fazerem, como ocorreu no caso de Cubatão. Cada veículo de comunicação, no entanto, é apenas parte de um processo comunicacional, empresarial e tecnológico mais amplo. Em sua tese de doutorado, Francisca Eleodora Santos Severino (2001, p. 11-12) explica essa relação complexa:

> Quando se fala da imprensa jornalística, fala-se de um amplo aparato multidimensional englobando fatos que vêm antes, depois ou fora da notícia, tais como a infra-estrutura de produção, equipamentos, tecnologia de aparelhos informacionais, redações, financiamentos, anunciantes, contexto político-social, reações dos eleitores, crítica etc. O jornal é apenas uma parte nisso tudo e nele a fotografia, que acompanha a notícia, é apenas um fragmento, um subproduto, constituído a partir de uma determinada montagem, na qual pode-se identificar seu caráter jornalístico ou pertencente

[1] BONITZER, Pascal. Le grain de réel. In: *Peinture et Cinema – Décadrages*. Paris: L'Étoile/ Cahiers du Cinema, 1987.

Digitized by Google

> ao discurso referencial. Entretanto, este caráter fragmentário não desqualifica seu papel e sua importância como registro documental e meio de comunicação.

Angrimani (1995) assegura que a maioria dos veículos de comunicação não lança mão do sensacionalismo no seu dia-a-dia, adotando-o raramente, em casos excepcionais.

> O veículo informativo comum – é preciso deixar claro – só adota o sensacionalismo em casos excepcionais, quando há interesse do *publisher* em dar uma conotação 'emocional' a um acontecimento [...] a linguagem sígnica demarca um distanciamento entre o sujeito e o objeto. Os meios de comunicação não-sensacionalistas utilizam principalmente a linguagem sígnica para passar seu 'conteúdo informativo', podendo ocorrer em alguns casos isolados 'derrapagens' que conduzem a 'contaminações' pelo clichê. Já o veículo sensacionalista opera principalmente com a linguagem-clichê e é esta a característica primordial que o distingue do informativo comum (ANGRIMANI, 1995, p. 152).

Com base nesses pressupostos teóricos sobre sensacionalismo e na pesquisa documental realizada para este trabalho, é possível afirmar que, durante a década de 1980, Cubatão foi retratada e noticiada de forma sensacionalista na imprensa nacional e internacional. Uma década de repetição massiva de aspectos negativos, como a poluição e problemas de saúde decorrentes da poluição, foi o suficiente para consolidar o imaginário coletivo de que ela era "a cidade mais poluída do mundo" e transformar a região em que a cidade está inserida no "Vale da Morte".

O negativo repercute muito mais que o positivo

Ainda na década de 1980, ações e medidas foram adotadas, com excelentes resultados, para reverter o quadro preocupante da poluição em Cubatão. Essas ações e medidas também eram amplamente noticia-

Digitized by Google

das pela imprensa, mas não repercutiam com a mesma amplitude que as notícias negativas da poluição. Já no início da década de 1990, a cidade comemorava os primeiros resultados do programa de despoluição e de melhoria na qualidade de vida. No entanto, na imprensa, as notícias sobre a recuperação ambiental e social nem de longe ressoavam com a mesma magnitude das notícias da poluição e dos problemas de saúde da década anterior. A imprensa parou de publicar imagens negativas de Cubatão, mas o estigma já estava consolidado no imaginário coletivo. As notícias negativas exploradas pela imprensa repercutem muito mais que as positivas.

Uma imagem positiva, como a apresentada a seguir (Figura 3), apesar de ter elementos constitutivos tão bem estruturados tecnicamente como os de uma imagem negativa, não possui a mesma dimensão imagética, pois o público, como se observou, tende a focar atenção no que é trágico.

Figura 3 – Vila Operária da Light

Fotografia: Autor desconhecido
Fonte: Cinema... (2013).

A qualidade do ar e, principalmente, a qualidade do ambiente mudou muito – para melhor – a partir da década de 1990. Hoje, a cidade está livre da poluição que a tornou mundialmente conhecida, o ambiente foi recuperado, com a plantação de centenas de milhares de mudas de árvores nativas da região. Em linhas gerais, a qualidade de vida mudou radicalmente após os projetos de controle de poluentes. Mesmo assim, a

Digitized by Google

imagem construída de Cubatão no imaginário coletivo encontra-se manchada pelo seu período mais trágico, e, em razão disso, torna-se muito difícil prever quando a cidade irá se livrar desse estigma e, pior, se irá se livrar.

Em uma pesquisa realizada pelas redes sociais no mês de março de 2014, foi questionado aos entrevistados, principalmente os residentes no município e na região, qual a visão deles sobre ao assunto, com o cuidado de, primeiro, contextualizá-los sobre os fatos e os porquês da pesquisa. A maioria dos participantes dessa pesquisa (quase 50 indivíduos) respondeu que o motivo gerador dessa condição está "na forma diferente de como as imagens foram veiculadas na mídia", apontando para uma supervalorização do "Vale da Morte". Alguns munícipes da cidade de São Paulo lembram que no período escolar, durante a década de 1990, a história de violação ambiental era ensinada nas escolas, estampada em livros didáticos e explicitada pelos professores que falavam sobre Cubatão como um lugar inabitável.

A falta de informação por parte da população, o fraco desempenho das estratégias de *marketing* por parte da Prefeitura de Cubatão, e o desinteresse da mídia em evidenciar potencialmente a recuperação ecológica da cidade, atrelados ao fato de absorvermos e fixarmos os pontos negativos com mais facilidade, e à continuidade do complexo industrial, que sobrepõem-se aos poucos atrativos culturais ou de lazer, fazem imaginar que na cidade de Cubatão, que sempre foi um lugar de passagem, a única coisa que passou foi o tempo, não sendo a cidade capaz de ressignificar-se, nem de conceder início a uma nova história.

Considerações finais

Da cultura da banana ao pioneirismo da indústria, carregando sobre sua história o avanço econômico e o regresso ambiental, assim é Cubatão, uma cidade de passagem, situada no meio do caminho onde se fez a história.

Digitized by Google

Marcada pela instalação de um dos maiores polos industriais da América Latina, teve início com a implantação da Refinaria Presidente Bernardes, acompanhada da Companhia Siderúrgica Paulista (Cosipa), uma gigantesca usina siderúrgica, mais um cartel de indústrias que logo se alojou ao redor. Cubatão viu florescer, à raiz da serra, a riqueza econômica que impulsionava o país e, com tamanho deslumbramento, não percebeu que ao aterrar os manguezais tão típicos da região, cimentava ali mais que um pedaço de chão, iniciando um processo de destruição que a cidade jamais conseguiu superar.

Os impactos causados pelas transgressões à natureza foram tão violentos que mesmo recuperada ecologicamente, como atestado pelos órgãos competentes, a cidade não se livrou do estigma que ainda carrega, a de ser um lugar poluído. O peso das imagens de terror da década de 1980, somado ao jeito como foram exploradas pela mídia, tendo um poder de alcance internacional, faz com que, por mais belas que sejam as imagens de recuperação ambiental, de paisagens naturais, elas não são capazes de suprimir a realidade outrora imposta.

Percebe-se, portanto, mais uma vez o poder de influência da comunicação de massa, capaz de padronizar um pensamento, um olhar acerca de algo, direcionando comportamentos e atitudes. Resta saber se, caso houvesse interesse maior das partes envolvidas e por conseguinte um apelo midiático em prol da vida, as imagens positivas e divulgadas regionalmente teriam repercussão a ponto de provocar uma mudança de opinião, transformando a "poluída" Cubatão em uma cidade realmente recuperada ambiental e socialmente, com bons índices de qualidade de vida para seus habitantes.

Referências

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue:** um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

Digitized by Google

BRANCO, Samuel Murgel. **O fenômeno Cubatão:** na visão do ecólogo Samuel Murgel Branco. São Paulo: Cetesb/Ascetesb, 1984.

BUCCI, Eugênio. O fator Leo Minosa ou uma das possibilidades de violência nos meios de comunicação. **Imagens**, Campinas, ano 1, n. 2, p. 62-7, 1994.

CINEMA em Cubatão. **Novo Milênio**, Santos, 8 mar. 2013. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/cubatao/ch136e.htm>. Acesso em: 31 mar. 2014.

COUTO, Joaquim Miguel. **Entre estatais e transnacionais:** o polo industrial de Cubatão. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Econômicas) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

COUTO, Joaquim Miguel. A história econômica de Cubatão: histórias e lendas de Cubatão. **Novo Milênio**, Santos, 9 fev. 2005. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/cubatao/ch100r.htm >. Acesso em: 31 mar. 2014.

COSTA, José Pedro de Oliveira. **A batalha do meio ambiente no Governo Montoro**. São Paulo: PW, 1987.

CUBATÃO: Dezenas de indústrias modernas e a maior poluição do mundo 1980. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/cubatao/ch014e.htm>. Acesso em: 31 mar. 2014.

GOLDENSTEIN, Léa. **A industrialização da Baixada Santista:** um estudo de um centro industrial satélite. São Paulo: IGEOG/USP, 1972.

O VALE da morte: histórias e lendas de Cubatão. **Novo Milênio**, Santos, 29 mar. 2003. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/cubatao/ch014e.htm >. Acesso em: 31 mar. 2014.

Digitized by Google

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

NEW Menace in Brazil's 'Valley of death's trikes at unborr. **The New York Times**, 1980. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/cubatao/ch100r.htm>. Acesso em: 31 mar. 2014.

PEREGRINO, Nadja. **O Cruzeiro**: a revolução da fotorreportagem. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991.

RAMOS, Fernão Pessoa. Imagem traumática e sensacionalismo: a intensidade da imagem-câmera em sua adesão ao transcorrer e sua tematização ética. **Imagens**, Campinas, ano 1, n. 2, p. 18-27, 1994.

VILA Operária da Light. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/cubatao/ch136e.htm>. Acesso em: 31 mar. 2014.

SEVERINO, Francisca Eleodora Santos. **Fotojornalísticas**: a imagem da violência como espelhamento das metamorfoses da sociedade brasileira em processo de globalização. 2001. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

Digitized by Google